

Larissa Camnev¹

Paula Almozara²

Luisa Paraguai³

Ação-imagem: formulações de espacialidades em “*body configurations*” de VALIE EXPORT

Action-image: formulations
of spacialities in “body
configurations” by
VALIE EXPORT

Action-image: formulations
d'espace dans les
“configurations du corps”
de VALIE EXPORT

Resumo

O texto aborda a série de fotoperformances “*Body Configurations*” (1972-1976) de VALIE EXPORT, assumindo o corpo como objeto e senciente pela prática artística no espaço. Propõe-se pensar as formulações da artista como construção fenomenológica, evidenciando a reorganização de seu corpo como elemento ativo e crítico do projeto urbano. Abordam-se as inquietações que instauram o embate do corpo na e pela cidade, modelizado pelos limites corpóreos e como resistência ao poder, no que entendemos as fotoperformances como ação-imagem.

Palavras-chave: ação-imagem, fotoperformance, percepção corporal, arte contemporânea, VALIE EXPORT.

Abstract

The article focuses on VALIE EXPORT’s series of photoperformance “*Body Configurations*” (1972-1976), assuming the body as object and sentient for artistic practice in space. It is proposed to think the artist’s formulations as a phenomenological construction, evidencing the reorganization of her body as an active and critical element of urban design. These are anxieties that establish a clash of the body in the city model modeled by the corporeal limits and as resistance to power, in what we understand photoperformances as “image-action.”

Keywords: action-image, photoperformance, bodyperception, contemporary art, VALIE EXPORT.

Résumé

Le texte prendre une réflexion sur la série de photoperformances “*Body Configurations*” (1972-1976) de VALIE EXPORT, sur la observation de le corps comme objet sensible pour la pratique artistique dans l’espace. On n’a considéré les formulations proposée par l’artiste comme une construction phénoménologique sur la réorganisation de son corps comme un élément actif et critique du projet urbain et sur les préoccupations qui provoquent le choc du corps dans l’espace comme résistance au pouvoir qui est installée par une société patriarcal, sur laquelle les photoperformances sont comprendre d’après la notion d’action-image.

Mot-clés: action-image, photoperformance, perception du corps, art contemporain, VALIE EXPORT.

¹ Artista visual, Mestra pelo Programa Interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas com auxílio CAPES/PROSUC. Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi bolsista de Iniciação Científica com auxílio FAPIC/Reitoria (PUC-Campinas) de agosto de 2014 a julho de 2015, desenvolvendo pesquisa sobre processos gráficos e pré-fotográficos, explorando técnicas de transferência sobre diversos suportes. Concentra sua produção e poética pessoal na linguagem fotográfica, investigando as relações corpo-espaço. larissa.camnev@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8457038279068469>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9488-2010>

² Artista visual, pesquisadora e professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, atua na Faculdade de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Linguagens, Mídia e Arte. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq - nível 2. Desenvolve projeto de pesquisa com Auxílio Regular da FAPESP (Processo: 17/17112-7). Membro da Diretoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP como 1a. Secretária entre 2017-2018. Faz parte da Comissão Científica do CSO - Congresso Sobre Outras Obras, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; integrando também a Comissão Científica Editorial das Revistas Estúdio, Gama e Croma da FBA da Universidade de Lisboa. Concluiu o Doutorado em Educação (Bolsa Capes), pela Universida-

de Estadual de Campinas em 2005 e realizou Mestrado em Artes Visuais (Bolsa Fapesp) pela Unicamp, onde desenvolveu trabalho poético visual e pesquisa sobre a história do desenho. Possui publicações de álbuns e livros de artista e também exposições de artes visuais com ênfase em procedimentos gráficos, fotografia, vídeo e instalação. almozara@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5606769046902145>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4239-2551>

³ Artista visual, pesquisadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Consultora Ad Hoc da CAPES e FAPESP. Reviewer da Leonardo Digital. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Produção e Pesquisa em Arte. Pesquisadora e artista nas interlocuções entre arte, design e tecnologia, investiga linguagens e materialidades, que operacionalizam experiências perceptivas. Possui graduação em Engenharia Civil na Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Multimeios, Instituto de Artes na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e pós-doutorado no Planetary Collegium, Nuova Accademia di Belle Arti NABA, Milão. luisaparaguai@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6616305768133913>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3886-8118>

Introdução

Este texto apoia-se na compreensão do corpo como constructo cultural, mas que se desdobra, expande e questiona os limites físicos e políticos, enquanto manifesta um acontecimento artístico, a partir da ideia de fotoperformance. Essa reflexão, baseada na série de *“Body Configurations”* (1972-1976) da artista austríaca VALIE EXPORT, justapõe os conceitos de corpo como propriedade/objeto e como sujeito, intrinsecamente imbricados na sua prática. Debruça-se sobre a seguinte noção de corpo:

‘Isto é meu corpo’ = muda e constante asserção da minha mera presença. Implica uma distância: “isto”, eis aqui o que ponho diante de vocês. É “meu corpo”. Duas questões imediatamente se envelopam: a quem remete esse “meu”? E se “meu” indica propriedade, de que natureza será esta? – “Quem” então é o proprietário e qual é a legitimidade da sua propriedade? Não existe resposta para “quem”, porque este é tanto o corpo quanto o proprietário do corpo, e nem para “propriedade”, porque esta é tanto de direito natural quanto de direito de trabalho e de conquista (uma vez que cultivo meu corpo e cuido dele). “Meu corpo” então remete à inatribuibilidade dos dois termos da expressão. (Quem lhe deu seu corpo? Ninguém senão você mesmo, pois nenhum programa teria bastado para tanto, nem genético nem demiúrgico. Mas, então, é você diante de si mesmo? E por que não? Não estou eu sempre nas minhas próprias costas, na véspera de chegar até “meu corpo”?) (NANCY, 2015, p.93).

Ao tomar como referência a singularidade do próprio corpo e sua validação enquanto referência e suporte para experienciar o espaço, VALIE EXPORT subverte certos padrões de medida para um posicionamento sócio-político. Neste sentido, ela se apresenta como matéria física e sujeito simbólico, fundamentando a ocupação e ação na cidade. Esse exercício crítico inicia-se com o nome, VALIE EXPORT, quando se apropria de um produto capitalista: a marca de cigarros Smart Export, uma das mais populares da Áustria. A artista, revela a ânsia em abandonar símbolos patriarcais provindos dos nomes de seu pai e de seu ex marido, e coerente com as rupturas que propõe, legitima as relações espaciais que decorrem por intermédio do corpo.

A importância da artista vai além da performance, influenciando também o cinema expandido e a fotografia. Sua obra se configura por uma postura antissistema na qual teve que afirmar sua própria identidade em um momento que a cena artística de Viena estava também impregnada pelas ações virulentas dos artistas do Viennese Actionism¹.

VALIE investiga as fronteiras entre a política e a individualidade, assumindo um posicionamento feminista que permeia seu processo. Nessa relação articula elementos entre o masculino e o feminino, a cultura e a natureza e o reconhecimento enquanto sujeito. Existindo preocupação por parte da artista em evidenciar as representações midiáticas da mulher, estabelece um embate com a visão das sociedades

¹ Viennese Actionism ou Acionismo Vienense formado em especial por artistas homens, entre os anos de 1960-1971, tinha como principais integrantes main participants were Günter Brus, Otto Mühl, Hermann Nitsch, and Rudolf Schwarzkogler. As ações do grupo eram caracterizadas por performances de características curtas, pontuais e agressivas visualmente e conceitualmente para o padrão vigente.

patriarcais, o que a torna um embreante² para a arte feminista, devido ao seu pioneirismo entre as décadas de 1960 e 1970, na qual sua obra é um mecanismo para atentar e modificar o olhar do senso comum e social em relação a arte e a mulher.

Ação-imagem

Observa-se em "Body Configurations"³ (1972-1976) uma série de fotoperformances, na qual a artista atua em diversos espaços e em especial em uma cidade aparentemente vazia, no caso de uma parte desta série, na cidade de Viena na Áustria. O estar só, enfatizado pela ausência de público em um espaço urbano, habitualmente definido pelo movimento e pelo fluxo de pessoas, é uma provocação na qual a artista exercita a contaminação entre linguagens pela conexão entre fotografia e performance. Assim, ela instaura situações pontuadas pela complexidade desses dois elementos, conforme Bernstein (2001) afirma:

Conceitualmente, a arte da performance é complexa e polêmica, não apenas porque abriga uma multiplicidade de formas, mas também porque, enquanto "gênero", tem estado em permanente transformação desde o seu surgimento. O forte conteúdo de artes visuais que apresentava no início deu lugar, ao longo das duas últimas décadas, a uma performance mais orientada pela narrativa. A despeito dessa flexibilidade conceitual, pode-se afirmar que um dos traços principais da arte da performance é o seu caráter autoral (BERNSTEIN, 2001, p.91).

É a partir desse encadeamento marcado pela pluralidade e interdisciplinaridade, que VALIE EXPORT promove vínculos e conexões em contínua transformação, que criam uma abordagem específica dentro de seu contexto histórico. A artista trata a performance e a fotografia, como elementos de um complexo diálogo que se instaura como ações realizadas para uma câmera, que podem ser definidas em termos conceituais como fotoperformance. Importa "o fato de tomarem a produção da imagem como suporte artístico privilegiado, conferindo-lhe autonomia discursiva, a ação pensada para esse fim específico" (VINHOSA, 2014, p. 2882). Assim, a artista realiza essas ações direcionadas à um aparato fotográfico. As imagens, evidenciam os cuidados de um posicionamento em relação a esse dispositivo, instaurando composições que contemplam o contorno corpo-espaço arquitetônico. O enquadramento atesta esse empenho, pois ao dispor a câmera inclinada em um ângulo que abrange o corpo inteiro da artista se estendendo ao redor de meios fios e esquinas das ruas valida-se essa preocupação estética. Essas apreensões de imagens, afastam-se da ideia da fotografia como registro, como documentação, para em muitos casos produzir interferências gráficas posteriormente, que enfatizam elementos da cena urbana e do corpo da artista.

Há nessa proposição, a experiência da performance da artista por meio da ima-

2 "Embreante" termo utilizado a partir da definição Anne Cauquelin (2009) que define em linhas gerais o conceito de embreaste como uma figura que cria ruptura entre regimes, o que efetivamente é algo exercido por VALIE EXPORT em nossa opinião.

3 As imagens da série Body Configurations (Körperkonfiguration) podem ser observadas no site da artista em: https://www.valieexport.at/jart/prj3/valie_export_web/main.jart?rel=de&reserve-mode=active&content-id=1540468785031&tt_news_cat_id=92

Por questões de copyright da artista fizemos a opção de indicar o link direto para as obras dessa série.

gem fotográfica, que evoca a efemeridade das ações como estímulos ininterruptamente ativados a cada conexão estética do público com a obra, corroborando com o que Bernstein (2015) afirma:

A fotografia e/ou o vídeo é, assim o meio pelo qual o público experimenta a performance e não simplesmente um registro. Considerados como registro, documentação da performance, a fotografia e o vídeo não passariam de traços, suplementos ou indícios de um evento irremediavelmente perdido no passado. Mas estes documentos tornam-se vivos constituem-se como performances quando interrogados, ativados pelo público (BERNSTEIN, 2015, p.127-128).

Assim, ainda que o registro fotográfico realize um recorte, definindo um momento e um olhar, a obra “Body Configurations” evoca um *continuum* espaço-temporal, ou seja um estado permanente de acontecimento, que passa ininterruptamente de um modo para outro, do registro para ação, por intermédio de um processo de ativação, seja pelo repertório, pelas sensações, pela memória, etc.. E é nesse sentido que as construções de VALIE EXPORT podem ser percebidas como dispositivo, que cria uma disposição, que prescreve, ordena, e constitui uma ação-imagem.

Da afirmação de Stewart (2007, p. 90) “sem ação não existe mundo e nem percepção”, reconhecemos a constituição do espaço conformado pelo exercício de convenções culturais, que definem modos de aproximação e de distanciamento físicos. Isto implica compreender que um corpo situado, necessariamente investe-se dos seus atributos físicos (altura, comprimento das pernas e braços, peso, entre outros) e das habilidades motoras para vivenciar as especificidades do entorno e constituir o lugar. Como diz Borges (2006, p.31) “é um espaço significativo, portanto, significa um espaço como propriedade de acontecimentos” no qual as tensões musculares “estão no corpo mas também no espaço. Os corpos se cruzam; o espaço é cheio”. Desta dinâmica – uma composição de forças, estabelece-se um diálogo.

Aquilo de que carecemos é, portanto, de alargar as fronteiras da consciência, aguçar nossa capacidade de discernimento e atenção, tornarmo-nos capazes de penetrar cada vez mais nessa grande razão, ou nessa inteligência viva de nosso corpo, cuja comparação com uma máquina, por mais perfeita que esta possa ser, apenas empobrece e torna grosseira a dinâmica incessante dos processos corporais (GIACOIA JR., 2002, p. 210).

Em “Body Configurations”, a artista instala-se tensionando elementos, corpo e espaço, em um sentido no qual “não é algo que acontece para nós ou em nós. É algo que fazemos” (NÖE, 2004, p.1). Nesse contexto, as experiências da artista ao mover-se e instalar-se, abarcam a ideia de que o movimento abre-se ao espaço, “mas não é necessariamente ‘no’ ou ‘dentro’ do espaço; o espaço não é uma entidade com características ou qualidades, mas sim uma dimensão que se presta na forma na qual o significado é acumulado e revelado” (BEHNKE, 1974, p.15).

Na obra de VALIE EXPORT a presença do corpo feminino, seu próprio corpo, em edificações urbanas quer provocar, evidenciar e inferir sentido, ou ferir o status de poder imposto por uma cidade que segundo a própria artista constituía-se naquele período por espaços arraigados em uma esfera conservadora. A possibilidade viabili-

zada estrategicamente pela instalação do próprio corpo no espaço está relacionada a condição de ser senciente e móvel, de se deslocar e perceber ao mesmo tempo em que transforma aquilo por onde se fixou: o corpo concede outro significado ao espaço.

A escolha da cidade de Viena é uma forma de VALIE EXPORT posicionar-se artística e politicamente para propor uma ruptura de comportamento diante de uma estrutura intrínseca de poder - a estrutura arquitetônica - na qual o espaço molda e busca exercer autoridade sobre o corpo. Os locais demandaram atenção por parte da artista que pensa as linhas corporais na arquitetura e vice-versa. As escolhas são pontuais e carregadas de metáforas e símbolos para se relacionar corpo e forma arquitetônica, anunciando o descompasso entre as relações corporais com as formas urbanas.

O corpo da artista se dobra e se curva, por exemplo, no degrau de uma escada, em uma rampa para curvar o corpo nas bordas, ao sentar no canto de um recorte de um edifício encostando as costas na parede e ao tentar envolver com os braços a coluna de um monumento. Percebe-se que todos esses elementos da arquitetura são atravessados pela ideia de poder, do mesmo modo que marca o corpo, influenciando a maneira de operar, estar e se portar nas cidades, pois enquanto local de fluxo, o espaço pode determinar ou articular as ações dos e sobre os corpos. Segundo Orlandi (2004, p. 11) "no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade", seja nas dimensões material, cultural, econômica e/ou histórica.

A experiência de VALIE EXPORT "do" e "no" espaço é "um diálogo, uma espécie de troca: eu coloco-me no espaço e o espaço instala-se em mim" (PALLASMAA, 2012, p.61), para romper com a função urbana projetada de domesticação ou de exclusão do corpo. Ao articular as relações entre espaço urbano e corpo, a artista sugere associar as formas a certos locais, formulando critérios, investigando delineamentos, contornos, ângulos e linhas entre o corpo e a cidade. A alteração proposta na instalação do corpo em elementos arquitetônicos e equipamentos urbanos como escadas, corrimãos, meios fios, legitima outras posturas possíveis além do pôr-se em pé no espaço, afinal:

Um corpo está posto, dis-posto entre outros. Ele está ex-posto e im-posto aos outros, de maneira a só se "por" pro-pondo-se. Um corpo é uma pro-posição, uma chegada que se adianta e se põe adiante, no fora, como um fora. Pro-pondo é que o corpo não se confunda com nenhum outro, que não recubra nenhum outro e nem seja por nenhum outro recoberto - nunca, a não ser quando estiver em jogo de descoberta, o pôr-se a descoberto de cada corpo (NANCY, 2015, p.8).

VALIE EXPORT está *pro-pondo* pelo seu corpo, rivalizando com outros corpos, instando uma ação de (re)descoberta. Observa-se na série "Body Configurations" que a artista questiona a funcionalidade e os contornos do prédios pelo aparente modo de dobrar o corpo para contornar a estrutura em seu modo de operar. Para isso ela antecipa, calculando seu corpo e as dimensões do local, para estabelecer um emba-te entre formas e geometrias. Por meio dessas disposições plásticas é possível gerar

inquietações quanto às possibilidades de utilizar, de permanecer e de habitar os espaços urbanos.

A imagem-ação entre e a partir do corpo instalado aciona a cidade em situações não habituais, acumulando práticas, vivências e alertas de como certas estruturas podem intrinsecamente alterar sentidos, como na ação da artista agachar e cercar a quina de uma parede se adaptando ao ângulo através da abertura de suas pernas. Como afirma Varela et al. (2000, p.149-150) “o mundo não é dado a priori, independente do indivíduo, mas seu conhecimento é um processo ativo, de recuperação e construção constantes por parte dos mesmos”. Nesta experimentação, a artista reorganiza sua corporeidade e problematiza a construção da própria subjetividade. “Este plano é o ‘corpo vibrátil’, no qual o contato com o outro, humano e não-humano, mobiliza afetos, tão cambiantes quanto a multiplicidade variável que constitui a alteridade” (ROLNIK, 2000). A condição de estar é um modo de encontro e se apresenta como um fenômeno perceptivo, que se modifica continuamente.

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal, já que se trata de modos de apreensão da realidade que obedecem às lógicas distintas e irreduzíveis. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência do pensamento/criação, na medida em que novas sensações que se incorporam à nossa textura sensível são intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Por essa razão elas colocam em crise nossas referências e impõem a urgência de inventarmos formas de expressão (ROLNIK, 2006, p.3).

Dispondo de seus limites corpóreos, a artista ordena-os no espaço, apropriando-se, traçando, rompendo com as linhas originárias da arquitetura que funcionam como marcadores. VALIE estende esses questionamentos inclusive no modo que nomeia a série como configurações do corpo. O conceito de configuração remete à noção de composição e hierarquias, considerando fundamentos e referências da linguagem visual. E também evoca articulações com as estruturações do espaço no corpo, propondo modelizações culturais.

A linha conforma, contorna e delimita objetos e coisas de modo geral. (...) O conceito de linha pode ser estendido também com o significado e propósito de qualificar partido construtivos arquitetônicos. No exemplo, as linhas longitudinais, transversais, horizontais, verticais e inclinadas que configuram a estrutura desta edificação conformam, contornam e delimitam também o espaço interno (GOMES FILHO, 2000, p.37).

A partir daquela que experimenta – a artista – e o suporte para a ação – a arquitetura, pode-se indagar sobre as disposições sociais e suas desproporções entre o sujeito e a cidade. Pensando na solidez do espaço urbano (ainda que suscetível às alterações físicas) e a flexibilidade do corpo (matéria maleável) percebe-se o imbricamento dessas estruturas em um possível movimento de prolongamento, que se assemelha mas propõe certa adaptabilidade. Esta proposta é paradoxal, pois o corpo colocado sobre/entre os elementos arquitetônicos gera estranhamento e provocação, quando as partes e medidas corpóreas acentuam e se contrapõem aos contornos e aos ângulos do espaço urbano.

Considerações finais

A artista “apreende a materialidade na vivência sensorial, evocando outros sentidos para o ‘estar no mundo’. No acoplamento entendem-se as texturas, os volumes e o peso com as respostas corpóreas” (CARVALHO; PARAGUAI, 2015, p.70) em oposição ao projeto urbano. Sem querer conciliar, VALIE EXPORT assume seu corpo como lugar de fala potente que revela as diferenças. É um movimento de reorganização da experiência corporal, inventando outras espacialidades enquanto provoca a cidade, planejada e visível. Uma ação-tensão que “não pode ser colocado em palavras, é indescritível... É uma forma de experiência - a presença de ausência... simetrias e assimetrias que enfatizam as proporções espaciais do meu corpo” (TSCHUMI, 1996, p.84).

Entende-se essa constante relação entre corpo e espaço como algo passível de transformações por meio do movimento, afinal “Todo o Homem cria formas, todo o Homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância, ou ainda, a organização do espaço sendo condicionada e também condicionante” (TÁVORA, 1996, p.73). O corpo ao movimentar-se no espaço formula espacialidades, visto que esse conceito determina:

(...) uma qualidade natural, vinda da forma do espaço e da direcionalidade a ela inerente. A medida e o valor da espacialidade são naturalmente dados pelo corpo; pelo modo como ocorre a acomodação do(s) corpo(s) ao espaço. Portanto, o conceito de espacialidade se refere ao grau de encadeamento de dois elementos da arquitetura; o espaço e o corpo ou ainda, detalhando, a forma do espaço e o deslocamento do(s) corpo(s). O conceito de espacialidade, portanto, abrange os conceitos de espaço (geometria) e movimento (topologia) (AGUIAR, 2006, p.75).

Por meio da fotoperformance o corpo (re)contextualiza o espaço urbano, materializando as tensões sociais, políticas e especialmente feministas, que tiveram lugar entre as décadas de 1960 e 1970 em Viena, considerado um espaço tradicional, patriarcal e conservador pela artista (VALIE EXPORT, 2018). Suas ações-imagens no sentido estabelecido por esse texto determinam um ponto de inflexão para operacionalizar e instaurar a experiência estética, como afirmado por Bleda & Rosa (2007, p.178), pois a provocação disposta na imagem está na possibilidade mnemônica ou repertorial oferecida ao leitor/visitante, pela “ilusão de estar presente nesse preciso momento e lugar”. Em uma contínua ação performática, a artista cria novas camadas experimentais e experienciais, que se revelam nas intervenções gráficas posteriores sobre a imagem fotográfica. Deste fazer, VALIE EXPORT fabula e confabula, opondo-se às hegemonias dos modos de controle social para instalar a diferença como ordem e princípio do sensível.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, D. Espaço, Corpo e Movimento: Notas Sobre a Pesquisa da Espacialidade na Arquitetura. *ARQTEXTO* (UFRGS), v. 8, p. 75, 2006.

BERNSTEIN, A. A performance solo e o sujeito autobiográfico. *Revista Sala Preta*, São Paulo (ECA-USP), v.1, n.1, p. 91, 2001.

BERNSTEIN, A. Francesca Woodman: Fotografia e Performatividade. In: Chiara, Ana; Santos, Marcelo; Vasconcellos, Eliane. (Org.). *Corpos Diversos*. 1ed. Rio de Janeiro: ed. Uerj, 2015, p. 119-140.

BLEDA & ROSA. Un paseo pola memoria ou como pensar a paisaxe. In: *Paseantes, viaxeiros e paisaxes*. Xunta de Galicia: CGAC, 2007. p. 177-182.

BORGES, F. C. *A filosofia do jeito*. Um modo brasileiro de pensar com o corpo. São Paulo: Summus, 2006.

CARVALHO, A; PARAGUAI, L. Uma-coisa: corpo-bicho, corpo-dispositivo, corpo-coisa. *ARS* (São Paulo), v. 13, n. 25, p. 63-71, 14 jun. 2015.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea*, uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2019

GIACOIA Jr, O. Resposta a uma questão: o que pode um corpo? In Daniel Lins e Sylvio Gadelha (org). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2002.

GOMES FILHO, J. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escritura, 2000.

NANCY, J-L. *Corpo, fora*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

NOË, A. *Action in Perception*. Cambridge: MIT Press, 2004.

ORLANDI, E. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

ROLNIK, S. *Geopolítica da Cafetinagem*. 2006. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>>. Acesso em março 2019.

ROLNIK, S. *O corpo vibrátil de Lygia Clark*. Folha de São Paulo: Domingo 30 de abril de 2000.

STEWART, J. Enactive Cognitive Science_1. In: LUCIANI, A.; CADOZ, C. (Editors). *Enaction and enactive interfaces, a handbook of terms*. Grenoble: Enactive Systems Books, 2007.

TÁVORA, F. *Da Organização do espaço*. Porto: Faup Publicações, 1996.

TSCHUMI, B. *Architecture and disjunction*. Cambridge: The Mit Press, 1996.

VALIE EXPORT. *Body Configurations, 1972-76*. Galerie Thaddaeus Ropac. Acessado em 20/03/2018. Disponível em: https://youtu.be/fhFNhqjmT_k

VARELA, F.J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind, cognitive science and human experience*. Cambridge, London: The MIT Press, 2000.

VINHOSA, L. Fotoperformance, passos titubeante de uma linguagem em emancipação. In: *Anais do XXIII Encontro Nacional da ANPAP, Ecossistemas Artísticos*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014. pp.2876-2885. Disponível em <<http://www.anpap.org.br/anais/2014/ANAIS/simposios/simposio08/Luciano%20Vinhosa.pdf>>. Acesso em março 2019.

Submetido em: 25/03/2019

Aceito em: 01/10/2019